

# **LADRÕES DE BOLA**



# LADRÕES DE BOLA

**25 ANOS DE CORRUPÇÃO NO FUTEBOL:  
DA PRISÃO DE DIRIGENTES NA SUÍÇA À ELEIÇÃO  
DO NOVO PRESIDENTE, COMO O CASTELO DA  
FIFA DESMORONOU**

**Rodrigo Mattos**



© Rodrigo Mattos

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Diagramação  
*Carla Almeida Freire*

Diretora comercial  
*Patty Pachas*

Capa  
*Mislaine Barbosa*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Preparação  
*Beatriz de Freitas Moreira*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Revisão  
*Carmen T. S. Costa*

Assistentes editoriais  
*Mayara dos Santos Freitas*  
*Roberta Stori*

Impressão  
*Bartira*

Assistente de arte  
*Mislaine Barbosa*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mattos, Rodrigo  
Ladrões de bola / Rodrigo Mattos. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books,  
2016. 184 pp.

ISBN 978-85-7888-597-7

1. Federação Internacional de Futebol Associado. 2. Futebol –  
Corrupção. 3. Futebol – Aspectos políticos. 4. Futebol – Aspectos  
econômicos. 5. Reportagem investigativa. I. Título.

16-31567

CDD: 796.33406  
CDU: 796.332: 061.2

2016

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Aos meus filhos Isabel e Miguel  
e à minha mulher Caroline.*



# Sumário

FBI – A polícia no hotel cinco estrelas .....	9
Chuck Blazer, o delator que abalou a Fifa .....	12
José Hawilla, o homem de 151 milhões de dólares .....	20
A nova CBF, um presente do sogro.....	26
Ricardo Teixeira, a alavanca para os negócios de José Hawilla.....	29
Da CPI à ISL – Teixeira, o eterno suspeito.....	32
José Maria Marin, o “Zé das Medalhas” .....	53
Um Marco Polo que não viaja .....	70
A rede de subornos nas Américas.....	85
Copa Libertadores da América: como os clubes são roubados .....	103
Uma Copa do Mundo no Brasil, 64 anos depois.....	110
A Copa das Copas vira a conta das contas.....	119
Joseph Blatter, o homem que não sabia de nada .....	142
A queda de Blatter.....	160
O império contra-ataca .....	167
A cartolagem se regenera .....	171





## **FBI – A POLÍCIA NO HOTEL CINCO ESTRELAS**

Amanhecia na cidade de Zurique em 27 de maio de 2015, e uma dúzia de policiais suíços, vestidos com roupas comuns, chegava à recepção do Baur au Lac, o hotel cinco estrelas situado à beira do lago que é cartão-postal da cidade. Sua missão era incomum: prender sete dirigentes da Federação Internacional de Futebol (Fifa) envolvidos em esquemas de corrupção relacionados ao futebol. Eles pediram pelos números dos quartos de Jeffrey Webb, Eugenio Figueredo, Eduardo Li, Julio Rocha, Costas Takkas, Rafael Esquivel e José Maria Marin. Subiram as escadas e de lá desceram com os acusados, sem algemas ou truculência, para levá-los escoltados por uma porta lateral do hotel.

Naquela ocasião eram detidos um então vice-presidente da Fifa, Webb, e um ex-vice-presidente, Figueredo. Ambos faziam parte do Comitê Executivo da Fifa, órgão máximo do futebol mundial, e já haviam comandado duas confederações continentais: Figueredo, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e Webb, a Concacaf (Confederação da América do Norte, América Central e Caribe). Os outros cinco homens eram presidentes de associações nacionais que compunham o colégio eleitoral de 209 países da federação internacional. O mesmo grupo que, no final daquela semana, elegeria o novo presidente da Fifa, ou melhor, reelegeria o suíço Joseph Blatter, franco favorito para se manter no posto. Com cargos tão altos, tinham o poder de definir fórmulas, locais e tabelas de campeonatos de clubes e de seleções, incluindo a Copa do Mundo. Poderiam impor regras sobre os jogadores que afetariam suas vidas, determinar regulamentos para o futebol que seriam discutidos por torcedores do mundo todo. Enfim, gerir os rumos do esporte mais querido pela população global.

Durante dois anos o todo-poderoso do futebol brasileiro, Marin estava no quarto com sua esposa, Neusa, quando recebeu quatro policiais à porta. Informado da prisão, pediu para tomar banho enquanto a esposa preparava sua mala. Ela lhe arrumava uma mala pequena com poucas roupas, como se o marido fosse passar pouco tempo fora. Os policiais recomendaram que juntasse mais peças e as pusesse em uma mala maior. O recado dos oficiais era claro: não havia data marcada para o fim da detenção.

Os funcionários do hotel se apressaram: correram com lençóis brancos para cobrir a saída dos cartolas por uma porta discreta até os carros da polícia.

Mãos sempre calçadas com luvas, ali fora afastavam os poucos curiosos que passavam – uma forma de proteger os hóspedes que lhes proporcionavam diárias acima de 2 mil reais, pagas, é óbvio, pela Fifa. Deu certo. A passagem dos dirigentes pela rua demorou segundos, tempo insuficiente para que câmeras amadoras pudessem pegar algum rosto. A imagem que ficou foi a dos lençóis.

Na recepção havia mais trabalho. Funcionários atendiam a telefonemas de pessoas que se hospedavam no local – na maioria cartolas. Um misto de surpresa e preocupação dominava os dirigentes da Fifa que ficaram no hotel. Duas esposas de detidos desceram até o saguão, uma delas chorava.

Isso foi o que se testemunhou pela manhã cedo até que os funcionários fossem instruídos a expulsar repórteres do hotel para preservar os hóspedes. Essa, sim, era uma cena comum. Quartel-geral de dirigentes da Fifa quando há encontros da entidade, o Baur au Lac acostumou seu *staff* a lidar com escândalos, ainda que um caso dessas proporções fosse inédito. Há uma orientação prévia para evitar que os dirigentes sejam alvos de perguntas indesejadas. “O senhor está incomodando os hóspedes. Pode se retirar, por favor”, repetem para jornalistas, indicando a porta da rua. Não foram poucas vezes que fui alvo desse tipo de abordagem, que também é comum em outros hotéis ocupados pela cúpula do futebol mundial. Durante a Copa do Mundo de 2014, o Copacabana Palace era igualmente atento em tentar manter os dirigentes intocáveis ao escrutínio público feito por repórteres.

Em Zurique, os cartolas preferem o salão acarpetado do Baur au Lac, de móveis e quadros antigos, ao jardim aberto de frente para o lago. É por lá que se reúnem em conversas aos cochichos enquanto tomam xícaras de café ao custo unitário de 15 reais. Dali, na cerimônia habitual das reuniões da cúpula da entidade, saem direto para carros postados à porta da recepção para serem conduzidos até a sede da Fifa, a apenas vinte minutos de trajeto.

Não naquele dia 27 de maio de 2015. Após a detenção dos sete dirigentes do Baur au Lac, uma avalanche de informações dava a dimensão do que estava ocorrendo. A operação dos oficiais suíços era consequência de três anos de investigações da Agência Federal de Investigação (FBI) e do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e envolvia 18 acusados de pagamento e recebimento de propinas por contratos de competições em todo o continente americano, com destaque para o Brasil. Em um típico “toma lá dá cá”, os dirigentes embolsavam dinheiro e cediam direitos de marketing e televisivos de campeonatos como a Copa América e a Copa Libertadores da América para quem lhes pagasse. Isso era só o começo, avisavam as autoridades norte-americanas, já que um número maior de cartolas continuava a ser investigado e ainda poderia haver denúncias similares.

“Pagamentos encobertos e ilegais, subornos e propinas se tornaram o jeito de fazer negócio na Fifa”, comentou James Comey, diretor do FBI.

Por que os Estados Unidos se encarregaram da tarefa? Primeiro, a maior parte dos crimes tinha sido cometida com transferências de dinheiro para o território norte-americano, ou mesmo por contratos realizados no país. As acusações giraram em torno de três delitos graves pela lei norte-americana: conspiração, fraude eletrônica e lavagem de dinheiro. Segundo, o fio da meada da investigação fora obtido ao se chegar ao norte-americano Chuck Blazer, ex-membro do Comitê Executivo da entidade e poderoso por mais de vinte anos no futebol até ser afastado por corrupção. Blazer atuava e caiu juntamente com seu parceiro Jack Warner, ex-vice-presidente da Fifa, cujos filhos Daryll e Darian também estavam bem enrolados na rede da polícia.